

O Crime de Geraldo

RUBEM BRAGA

O JORNAL contou um rapaz de 20 anos, Geraldo, foi preso em flagrante quando assaltava um bar, na madrugada de domingo. Na delegacia, contou que fizera aquilo porque sua filhinha de dois anos estava muito doente e ele não tinha dinheiro. Disse ainda que o dono do bar era seu amigo, e podia atestar que ele era um homem direito.

O comissário mandou um homem à casa de Geraldo e outro chamar o dono do bar. Era tudo verdade. Geraldo foi posto na cadeia. O jornal não conta se alguém se lembrou de socorrer a menina de dois anos.

Imagino a noite que viveu esse homem. Imagino que estêve no bar sábado à noite, tomou talvez sua cachaca ou uma cervejinha preta, e conversou no balcão com seu amigo, o proprietário. Imagino que viu quando ele contava notas de mil e cinco mil cruzeiros e guardava na caixa.

Sua vontade e sua vergonha de pedir emprestado; talvez já o tivesse feito outras vezes, talvez estivesse devendo alguma coisa ao amigo. Imagino que, no meio da conversa, ele tenha dito que a menina não estava passando bem, na vaga esperança de que o outro lhe oferecesse dinheiro; então diria que não queria aceitar, ainda estava em falta com o amigo porque ficara de lhe pagar aqueles quinhentos e não fôra possível; e o homem insistiria — ora, deixe disso —, esticando-lhe uma cédula de mil (talvez de quinhentos) e, então, ele poria o dinheiro no bolso, diria muito obrigado. Mas o dono do bar talvez nem tenha ouvido direito a história da criança, ocupado em atender os fregueses. Geraldo teria ficado ali, em pé, olhando as mesas, calado, na angústia de tomar coragem para aquela «faccada», temendo a humilhação de não ser atendido ou de conseguir apenas uma parte mínima do que precisava.

E sua chegada em casa, a pergunta da mulher, seu olhar à criança doente, sua vontade de dormir, de esquecer tudo, e o choro da menina, e a insônia insupportável.

Um homem pensando em dinheiro, um homem precisando urgentemente de dinheiro num quarto estreito de subúrbio de uma grande cidade — uma cidade imensa, em que, naquêlê instante, milhares de homens e mulheres gastam dinheiro alegremente.

Um homem fazendo mentalmente uma lista de amigos e conhecidos, pensando apelar para alguém, e desistindo de todos, um a um. Um homem revendo, como num sonho, aquelas notas coloridas na mão do amigo, aquêles pedaços de papel que compram tudo, que evitam a humilhação e a angústia que salvam vidas. Um homem saindo de sua casa sozinho, pela madrugada; andando como um sonâmbulo levado por um pesadêlo. Um homem de mãos trêmulas, mas gestos violentos, arrombando uma porta, avançando na escuridão. Um homem pilhado como um rato. Imagino essas coisas e o faço quase friamente; não cultivo o drama, aborreço o patético, e declaro que no momento em que Augusto era levado para a delegacia — o ladrão! — eu estava tomando um bom uísque em Copacabana.

E termino sem tirar conclusão nenhuma, nem conclusão, nem moral — que a moral é a parte mais aborrecida de qualquer história, e esta já está bastante aborrecida.

95/10/66

15/10/66

CM - 29.5.52

M 648